



# Passeata dos ‘bichos’

CAETANO RIPOLI

Como esalqueano sempre fui favorável à passeata dos “bichos”. Sempre fui favorável ao “trote”. Ops! Calma, calma! Explico. Primeiro: trote, para mim, não deve necessitar de adjetivação. Trote é integração, brincadeiras, gozações, arrecadação de qualquer coisa para entidades assistenciais etc. O que passar disso não é trote... É simplesmente caso de polícia! Sem essa de “trote suave” ou “trote violento”. Repito, para ser trote não necessita de adjetivação! Tá claro?

Segundo: passeata, para mim, é um movimento em que “bichos” se juntam debaixo de coordenação de um centro acadêmico para, formalmente, marcar uma posição, na base da gozação, com músicas etc. Um momento em que mostram à cidade que, mesmo com humor, pode-se fazer críticas a professores, à escola, à cidade, a políticos, enfim, a tudo que entenderem ser passível de críticas.

Não estou sendo ingênuo com estas colocações. Não se trata de teorizar o trote e a passeata. Apenas lembrando o que eram no passado as passeatas dos “bichos” da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Houve um tempo, antes de minha formatura, em que a própria escola cedia tratores e car-

retas para os alunos montarem arremedos de carros alegóricos. A rua Governador “parava” seu comércio para aplaudir os alunos. Havia excessos? Sim, mas raros e de pequena monta.

Os anos se passaram e isto não existe mais. Há mais de 15 anos acompanho a baderna rotulada de passeata que os “bichos” dessas mais recentes gerações, estimulados por um grupo de veteranos imbecis (talvez os mesmos que desmoralizam o trote com suas atitudes que demonstram imperfeições de caráter) transformou uma tradição saudável em atitudes animalescas, grotescas, chulas e merecedoras de processos judiciais até! Nestes últimos anos, muitas vezes, o comércio também fechou suas portas, mas não para aplaudir, mas sim para se proteger de vandalismos.

Não entendo parte das atuais gerações de “agricolões”. Eles estudam numa das melhores universidades do país. Não pagam nada (mas bem que deveriam... Ninguém valoriza o que é de graça) e, em vez de procurar com seus atos se engrandecer e engrandecê-la, optam por atitudes que só são normais dentro de presídios ou entre gangues de marginais. Não estou generalizando!!!

O que ocorreu esta semana na passeata dos “bichos” foi abominável! Não tem desculpa etílica que justifique! Todavia e a meu juízo não creio que a

Esalq, enquanto instituição, deva fazer alguma coisa. Os fatos grotescos ocorreram fora de seus domínios. É caso para a polícia! Sem essa de querer tomar atitudes num campo que não lhe pertence. Mesmo porque quando ocorre algo grave dentro dela, criam-se as tais comissões de sindicância que dão em quase nada. Vide o caso de um aluno (sic) que ameaçou com uma faca uma funcionária, em uma assembléia, dentro da Esalq. No que deu? Em nada, ele se formou todo faceiro e deixou uma bela banana para todos nós.

Voltando à passeata da semana passada! Os responsáveis por depredações, vandalismos e outros que tais têm que prestar conta à polícia e à justiça.

E como última palavra, o Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), que este ano completa 100 anos de vida com uma história de lutas e realizações, não pode ser envolvido nessa sujeira! A atual diretoria e as futuras precisam tomar atitudes de comando e liderança. Fazer vista grossa ofende os milhares de esalqueanos que pautaram por ideais e compromissos.

CAETANO RIPOLI é professor titular do Departamento de Engenharia Rural da Esalq/USP (Universidade de São Paulo)